

# O HOMEM QUE PARECIA UM CAVALO

(tradução de Airton Uchoa Neto<sup>1</sup>)

Rafael Arévalo Martínez<sup>2</sup>

No momento em que nos apresentaram, estava num extremo da casa, com a cabeça de lado, como costumam ficar os cavalos, e com o ar de quem não se fixasse no que se passava ao seu redor. Tinha os membros rijos, grandes e secos, estranhamente contraídos, tal qual um dos protagonistas numa ilustração inglesa do livro de Gulliver.<sup>3</sup> Porém minha impressão de que aquele homem se assemelhava de um modo misterioso a um cavalo não foi obtida até aí senão de modo

---

<sup>1</sup> Leitor, escritor, sobrevivente. Email: [airton.uchoa@gmail.com](mailto:airton.uchoa@gmail.com).

<sup>2</sup> Rafael Arévalo Martínez (Ciudad de Guatemala, 25 de julho de 1884 — Ciudad de Guatemala, 12 de junho de 1975) foi um escritor guatemalteco, pertencente à geração vanguardista da década de 1910. É autor dos livros de poesia *Maya* (1911), *Los atormentados* (1914), *Las rosas de Engaddi* (1918), *Poesías escogidas* (1921), *Llama (y el Rubén poseído por el Deus)* (1934), *Por un caminito así* (1947), *Poemas* (1958) e *Poemas de Rafael Arévalo Martínez* (1965), dos romances *Una vida* (1914), *Manuel Aldano, la lucha por la vida* (1922), *La oficina de paz de Orolandia* (1925, 1966), *Las noches en el palacio de la Nunciatura e Sentas* (1927), *El mundo de los maharachías* (1938), *Viaje a Ipanda* (1939), *Hondura* (1947) e *El embajador de Torlania* (1960). O conto aqui traduzido faz parte do livro de mesmo nome, *El hombre que parecía un caballo*, que desde a sua primeira edição em 1915 até a sua edição definitiva em 1958 foi absorvendo cada vez mais narrativas, incluindo contos que originalmente foram publicados em livros separados, como *El Señor Monitot* (1922) *La signatura de la Esfinge* (1933) e, de certo modo, *El ángel*, que em 1920 já era publicado como uma espécie de apêndice ao livro de contos de estreia do autor, mas com o título destacado. Posteriormente, Arévalo também publica contos novos em *Cratilo y otros cuentos* (1968) e *Cuatro contactos con lo sobrenatural y otros relatos* (1971). Arévalo ainda escreveu os ensaios *Influencia de España en la formación de la nacionalidad centroamericana* (1943), *Nietzsche el Conquistador, la doctrina que engendró la Segunda Guerra Mundial* (1943) e *La concepción del Cosmos* (1950), as peças de teatro *Los duques de Endor* (1940), as biografias *¡Ecce Pericles!* (1942), sobre o ditador da Guatemala, durante vinte e dois anos, de 1898 até 1920, Manuel José Estrada Cabrera (1857-1923), e a póstuma *Ubico* (1984), sobre o também ditador guatemalteco Jorge Ubico y Cantañeda (1878-1946), que governou de 1931 a 1944. Arévalo também escreveu dezenas de artigos para diversos periódicos de 1911 até 1965.

<sup>3</sup> Para Dante Liano, que estabeleceu as notas de rodapé à edição crítica, tudo leva a crer que se tratam das ilustrações de Rackham, na edição das *Gulliver's Travels* pela editora Dent-Dulton (Londres, Nova York, 1909). O episódio ilustrado deve se tratar, provavelmente, do que se passa na terra dos Hoynnhms, governada por cavalos.

subconsciente,<sup>4</sup> que acaso nunca viria à plena vida consciente se um anormal contato com o herói desta história não se houvera prolongado.

Na mesma cena primeva de nossa apresentação, começou o senhor de Aretal a desfazer-se, para nos obsequiar, dos translúcidos colares de opala, de ametista, de esmeraldas e carbúnculos que constituíam seu íntimo tesouro. Num princípio de deslumbramento eu todo me expandi, todo me estiquei, como um grande lençol branco, para fazer maior a superfície de contato com o generoso doador. As antenas do meu espírito se dilatavam, para apalpá-lo, e retornavam trêmulas e comovidas e regozijadas a me anunciar a boa nova: — “Este é o homem que esperavas; este o homem pelo qual te aproximastes de toda alma desconhecida, porque tua intuição já te afirmara que um dia serias enriquecido pelo advento de um ser único. A avidez com que tomaste, percebeste e descartaste tantas almas que se fizeram desejar e frustraram tuas esperanças será hoje amplamente satisfeita: inclina-te e bebe desta água”.

E quando se levantou para se retirar, eu o segui, aferroado e preso como o cordeiro que a moça atou com laços de rosas. Já no quarto de meu novo amigo, este, apenas transpostos os umbrais que lhe davam acesso a um meio propício e habitual, acendeu-se todo. Voltou-se deslumbrante e cênico como o cavalo de um imperador numa parada militar. As faldas do seu casaco tinham uma vaga semelhança com a túnica interior de um corcel da idade média, ajaezado para um torneio. Caíam-lhe sob as nádegas magras, acariciando os membros enxutos e elegantes feito remos.<sup>5</sup> E começou sua atuação teatral.

Depois de um ritual de preparação cuidadosamente observado, cavaleiro iniciado em antiquíssimo culto, e quando nossas almas já se haviam tornado côncavas, revelou o calhamaço dos seus versos com a mesma mesura displicente com que o sacerdote se aproxima do altar. Parecia tão grave que impunha respeito. Um sorriso teria sido abortado na hora mesma do nascimento.

Revelou seu primeiro colar de topázios, melhor dizer, sua primeira sequência de colares de topázios, translúcidos e brilhantes. Alçaram-se suas mãos com tanta cadência que seu ritmo se estendeu a três mundos. Pelo poder do ritmo, converteu-se nossa estadia num segundo andar, como um globo prisioneiro, até desfazer-se de seus laços terrenos e levar-nos em silenciosa viagem aérea. Mas não me converteram os seus versos, pois eram versos inorgânicos. Eram a alma translúcida dos minerais; eram a alma simétrica e dura dos minerais.

---

<sup>4</sup> Recorrente em muitos escritores das primeiras décadas do século XX a confusão entre *inconsciente* e *subconsciente*, um neologismo desastoso derivado de uma tradução mal feita da obra de Freud que acabou se tornando popular e influente. Conservei o equívoco como se encontra no original, considerando que o autor não tinha culpa, e que os equívocos também são testemunhas de uma época.

<sup>5</sup> No original: “Le caían bajo las nalgas enjutas, acariciando los remos finos y elegantes”.

E então o procurador das coisas minerais revelou o segundo colar. Oh, esmeraldas, divinas esmeraldas! E o terceiro. Oh, diamantes, claros diamantes! E revelou o quarto e o quinto, foram de novo topázios, com gotas de luz, com acúmulos de sol, com partes opacamente radiosas. E logo veio o sétimo:<sup>6</sup> seus carbúnculos. Seus carbúnculos quase eram túbios; quase me comoveram feito sementes de romã e sangue de heróis; mas os toquei e os senti duros. De todo jeito a alma dos minerais me invadia; aquela aristocracia inorgânica me seduzia raramente, sem que a compreendesse por completo. Tanto foi assim que não pude traduzir as palavras do meu Senhor interno, que estava confuso e fazia um vão esforço para se tornar duro e simétrico e limitado e brilhante, e mudo fiquei. Eis que em imprevista explosão de dignidade ofendida, crendo-se enganado, o procurador me tomou seus colares de carbúnculos, num movimento tão pleno de violência, mas tão exato, que acabei mais perplexo que ofendido. Fora o Procurador das Rosas e assim não procedera.<sup>7</sup>

E então, feito a quebra de um feitiço, com aquele ato de violência desfez-se o encanto do ritmo; e a branca nave em que voáramos pelo azul do céu mostrou-se solidamente aferrada ao primeiro piso da casa.

Depois, nosso cicerone, o senhor de Aretal, e eu almoçamos no terraço do hotel.

E eu, naquele momento, me assomei ao poço da alma do Senhor dos topázios. Muita coisa vi refletida. Ao me assomar tinha, instintivamente, urdido minha cauda de pavão real; mas a urdira sem nenhuma sensualidade interior, simplesmente solicitado por tanta beleza percebida e desejando mostrar meu melhor aspecto para me manter no seu mesmo tom.

Oh as coisas que vi naquele poço! Esse poço foi para mim o próprio poço do mistério. Assomar-se a uma alma humana, tão aberta como um poço, que é um olho da terra, é o mesmo que assomar-se a Deus. Nunca podemos ver o fundo. Mas nos saturamos da umidade da água, o grande veículo do amor; e nos deslumbramos de luz refletida.

Este poço refletia o múltiplo aspecto exterior dos hábitos pessoais do senhor de Aretal. Algumas figuras estavam mais vivas na superfície da água: refletiam-se os clássicos, esse tesouro de ternura e de sabedoria dos clássicos; mas sobretudo se refletia a imagem de um amigo ausente, com tal pureza de linhas e tão exato colorido, que não foi um dos menos interessantes atrativos que teve para mim a alma do senhor de Aretal este paralelo dar-me o conhecimento da alma do senhor *da*

---

6 A contagem do *sexto* é omitida mesmo no original.

7 No original: "Si hubiera sido el Oficiante de las Rosas, no hubiera procedido assim". Adaptou-se para o português uma variação linguística típica do espanhol da Guatemala.

Rosa,<sup>8</sup> o ausente amigo tão admirado e tão amado. Acima de tudo se refletia Deus. Deus de quem nunca esteve menos longe. A grande alma em que às vezes temporariamente se concentra. Compreendi, assomando-me ao poço do senhor de Aretal, que este era um mensageiro divino. Trazia uma mensagem à humanidade: mensagem humana, que é a mais valiosa de todas. Mas era um mensageiro inconsciente. Prodigalizava o bem e não o tinha consigo.

Pronto interessei sobremodo ao meu hóspede duplo. Assomava-me com tanta avidez à água clara do seu espírito, que pude ter uma imagem exata de mim mesmo. Aproximara-me o suficiente, e além disso<sup>9</sup> também eu era uma clara coisa que não interceptava a luz. Por acaso o ofusquei tanto quanto ele a mim. É uma qualidade das coisas que se alucinam o ser por sua vez alucinadoras. Esta mútua atração nos levou à aproximação e estreitamento de relações. Frequentei o divino templo daquela alma bela. E com o seu contato passei a me acender. O senhor de Aretal era uma lâmpada acesa e eu, material combustível. Nossas almas se comunicavam. Eu tinha as mãos estendidas e a alma de cada um dos meus dez dedos era uma antena pela qual recebia o conhecimento da alma do senhor de Aretal. Soube assim de muita coisa antes não conhecida. Por raízes aéreas, que outra coisa são os dedos?, ou folhas aveludadas, que outra coisa senão raízes aéreas são as folhas?, eu recebia daquele homem algo que antes me faltava. Fora um arbusto atrofiado que prolonga seus filamentos até encontrar o húmus necessário numa terra nova. E como me nutria! Nutria-me com a beatitude com que as folhas trêmulas de clorofila se estendem ao sol; com a beatitude com que uma raiz encontra um cadáver em decomposição; com a beatitude com que os convalescentes dão seus passos vacilantes nas manhãs de primavera, banhadas de luz; com a beatitude com que a criança pega do seio nutritivo e, depois, satisfeito, sorri em sonhos à visão de um níveo ubre. Bah! Todas as coisas que se completam tem essa beatitude. Deus, um dia, não será outra coisa senão um alimento para nós; algo necessário para nossa vida. Assim sorriem as crianças e os jovens, quando se sentem beneficiados pela nutrição.

---

8 Trata-se aqui de mais uma inspiração retirada da realidade. Leopoldo de la Rosa. Ressalte-se a impossibilidade traduzir o trocadilho: para Arévalo, mais que o portador de um sobrenome, o poeta era efetivamente um protetor e representante das rosas, e foi esse o sentido que se preferiu adotar.

9 Alertou-me Juca Montenegro quanto aos riscos de tentar trazer cruamente para a língua portuguesa sutilezas da língua espanhola que poderiam não encontrar paralelo na segunda língua, e a pontuação era um dos pontos estruturais mais delicados nesse ponto. Acabei decidindo pelo risco menos na tentativa potencialmente desastrosa de tentar dar ao leitor um gosto um pouco mais aproximado do que seria a leitura no original (devemos nos conformar com o fato de que isso é impossível). A ausência de vírgulas, aqui, se justifica também pelo modo como Arévalo diz que foi escrito o conto, o que também explica determinadas passagens apressadas e eventualmente uma repetição de palavras pouco comum a um autor tão erudito: Arévalo relata que a narrativa foi escrita num momento em que retornava do interior para a capital, doente, febril, e que também o esboço da primeira parte dessa obra fora construído de forma febril e intempestiva. Foi essa sensação que quis traduzir ao economizar as vírgulas, anulando as pausas que se espera em português. (É claro a leitura febril de uma escrita febril muito se beneficiaria com um número reduzido de notas de rodapé ou com sua total eliminação. Paciência).

Além do mais acendera-me. A nutrição é uma combustão. Quem sabe que divino moleque traçou no meu espírito um rastro de pólvora, de nafta, de algo facilmente inflamável, e o senhor de Aretal, que havia sabido aproximar-se de mim, hasteara-lhe fogo. Tive o prazer de arder: digo, preencher o meu destino. Compreendi que era uma coisa essencialmente inflamável. Oh pai fogo, bendito sejas! Meu destino é arder. O fogo também é uma mensagem. Que outras almas arderiam em mim? A quem comunicaria minha chama? Bah! Quem pode prever o porvir de uma faísca?

Eu ardi e me viu arder o senhor de Aretal. Numa maravilhosa harmonia nossos dois átomos de hidrogênio e de oxigênio haviam chegado tão perto que, prolongando-se, emanando porções de si, quase chegaram a juntar-se em alguma coisa viva. Às vezes revoavam como duas mariposas que se buscam e tecem maravilhosos laços sobre o rio e pelos ares. Outras se elevavam em virtude do seu próprio ritmo e de sua harmoniosa consonância, como se elevam as duas asas de um dístico. Uma estava fecundado a outra. Até que...

Já ouvis desses pingentes de gelo que, arrastados a tíbias águas por correntes submarinas, desintegram-se na base, até que, perdido um equilíbrio maravilhoso, giram sobre si mesmos numa volta apocalíptica, rápidos, inesperados, apresentando à face do sol o que antes estivera oculto sob as águas? Assim, invertidos, parecem inconscientes dos navios que, ao fundir-se seu lado de cima, fizeram descer ao abismo. Inconscientes da perda dos ninhos que já se tinham formado no lado que até então estivera voltado para a luz, em relativa estabilidade.

E eis que, de repente, no gênio transparente do senhor de Aretal, começou a formar-se uma quase inconsistente nuvenzinha escura. Era a sombra projetada pelo cavalo que se aproximava.

Quem poderia expressar minha dor quando no gênio do senhor de Aretal apareceu aquela coisa obscura, vaga e inconsistente? Havia meu nobre amigo descido para a cantina do hotel em que habitava. Quem passava? Bah! Um ser obscuro de umas horríveis narinas achatadas e lábios adelgaçados. Compreendeis? Se a linha do seu nariz fora reta, também em sua alma ter-se-ia endireitado algo. Se foram grossos os seus lábios, ter-se-ia também robustecido sua sinceridade.<sup>10</sup> Mas não. O senhor de Aretal fizera um chamamento. Eis aí... E minha alma, que naquele instante tinha o poder de discernir, compreendeu claramente que aquele homenzinho, a quem até então acreditara um homem, porque um dia vi ruborizar-se seu rosto de vergonha, não era senão um homúnculo. Não se podia ser sincero com aquelas narinas.

---

<sup>10</sup> Segundo nota de Dante Liano, no original encontra-se uma característica sutil típica da variante guatemalteca do espanhol (diferença que não encontra analogia estrutural na relação entre o português do Brasil e o de Portugal, ou mesmo quanto a algum regionalismo brasileiro). Trata-se de um uso específico do "se". Lê-se, então, no original: "Si la línea de su nariz hubiese sido recta, también en su alma se hubiese enderezado algo".

Convidados pelo senhor dos topázios, sentamo-nos a uma mesa. Servimo-nos de conhaque e refrescos, à escolha. E aqui se rompeu a harmonia. Rompeu-a o álcool. Não bebi. Mas ele bebeu. Mas estive o álcool próximo a mim, sobre a mesa de mármore branco. E nos mediou e nos interceptou as almas. Além disso, a alma do senhor de Aretal já não era como a minha, azul. Era vermelha e rasa como a do companheiro que nos separava.<sup>11</sup> Compreendi então que o que mais houvera amado no senhor de Aretal fora meu próprio azul.

De repente a alma rasa do senhor de Aretal começou a falar de coisas baixas. Todos os seus pensamentos tiveram o nariz torcido. Todos os seus pensamentos bebiam álcool e se materializavam grosseiramente. Contou-nos de uma legião de negras da Jamaica, lúbricas e seminuas, correndo atrás dele na oferta de seu odioso mercado por cinco centavos. Levara-me sua palavra e de repente me levava sua vontade. Pediu insistentemente que eu bebesse. Cedi. Mas apenas consumado o sacrifício senti claramente que algo entre nós se rompia. Que nossos senhores internos se afastavam e que vinha abaixo, em silêncio, um divino equilíbrio de cristais. E lhe disse: — Senhor de Aretal, você quebrou nossas divinas relações neste instante mesmo. Amanhã ao chegar a seu aposento, em mim você verá apenas um homem e eu só encontrarei um homem em você. Neste mesmo instante o senhor me tingiu de vermelho.

No dia seguinte, de fato, não sei o que fizemos o senhor de Aretal e eu. Creio que caminhamos pela rua rumo a certo negócio. Ele ia novamente aceso. Eu andava ao seu lado apagado, e longe dele! Ia pensando que jamais o mistério me houvera aberto brecha tão ampla para que me aproximasse. Jamais sentira tão bem as possibilidades do homem; jamais entendera tanto o deus íntimo como nas minhas relações com o senhor de Aretal.

Chegamos ao seu quarto. Esperavam-nos suas formas de pensamento. E eu sempre me sentindo longe do senhor de Aretal. Senti-me longe muitos dias, várias visitas sucessivas. Ia a ele obedecendo a leis inexoráveis. Porque era preciso aquele contato para queimar uma parte de mim, até então tão seca, como que me estava preparando para melhor arder. Toda a dor da minha secura de até então agora se regozijava de plenitude. Saí da noite de minha alma numa aurora acesa. Pois bem. Pois bem. Sejamos valentes. Quanto mais secos estivermos melhor arderemos. E assim ia aquele homem e nossos senhores se regozijavam. Ah! Mas o encanto dos primeiros dias! Onde

---

11 Há uma relação estreita entre "El hombre que parecía un caballo" e o conto "El trovador colombiano", que se lhe segue desde a primeira edição da obra em livro. O caráter deste personagem (León Franco), porém, não é descrito como o de um cavalo, mas antes como o de um cão. "Tuve la visión del perro al mismo tiempo que la del caballo. Cuando conocí aquella alma nobilísima de piafante corcel del señor de Aretal, conocí también la pobre alma de perro callejero, de León Franco, la pobre ánima de can sin dueño, mutilado y triste como las bestias que el buen Jesús llamó a su pesebre."

estava?

Quando me resignei a encontrar no senhor de Aretal um homem ressurgiu o encanto de sua maravilhosa presença. Amava ao meu amigo, mas era impossível desfazer a melancolia do deus ido. Translúcidas, diamantinas asas perdidas! Como encontrar a vós duas e voltar a onde estivéramos?

Um dia o senhor de Aretal encontrou o meio propício. Éramos vários ouvintes seus; no quarto encantado pelas suas criações habituais recitaram-se versos. E de pronto, diante de uns versos mais belos que os demais, como diante do toque de um clarim, levantou-se nosso nobre hóspede, arrogante e elástico. E ali, e então, tive a visão primeira: *o senhor de Aretal esticava o pescoço como um cavalo.*

Chamei sua atenção: — Excelso hóspede, eu vos suplico que adoteis esta e esta atitude. Sim, com certeza: esticava o pescoço como um cavalo.

Depois, a segunda visão: no mesmo dia. Saímos a caminhar. E de repente percebi, eu o percebi: *o senhor de Aretal caía como um cavalo.* Faltava-lhe de repente o pé esquerdo e então suas ancas quase tocavam o solo, como um cavalo claudicante. Erguia-se logo, com rapidez; mas já se me gravara aquela impressão. Haveis visto cair a um cavalo?

Logo a terceira visão, em poucos dias. Lá estava o senhor de Aretal sentado diante de suas moedas de ouro, e de repente vi-lhe mover os braços como movem as mãos os cavalos de puro sangue, dispondo as extremidades dos membros dianteiros para os lados, nessa bela série de movimentos que tantas vezes haveis observado quando um hábil ginete, em concorrido passeio, reprime o passo de um corcel desenvolto e esplêndido.

Depois, outra visão: *o senhor de Aretal ria como um cavalo.* Quando sua própria palavra o embriagava, como embriagava ao nobre corcel o próprio sangue generoso, trêmulo como uma folha, trêmulo como um corcel montado e reprimido, trêmulo como todas essas formas vivas de finas e nervosas raízes, inclinava a cabeça, ladeava a cabeça, eis que vi, enquanto seus braços desatavam no ar algo como as mãos de um cavalo. — Que coisa mais bela é um cavalo! Quase se erguia sobre os pés! E senti então que o espírito o cavalgava.

E logo mais cem visões. O senhor de Aretal se aproximava das mulheres como um cavalo. Nos suntuosos salões não conseguia deixar-se quieto. Acercava-se da mais bela senhora recém apresentada, com movimentos fáceis e elásticos, cabeça baixa e ladeada, e dava uma volta em torno dela, e dava uma volta em torno da sala.

Olhava assim, de lado. Pude observar que seus olhos se mantinham injetados de sangue. Um dia rompeu-se um dos vasos que os coloriam numa trama sutil; rompeu-se o vaso e uma manchinha

vermelha tinha colorido sua córnea. Chamei-lhe atenção.

— Bah — disse-me —, é uma coisa antiga. Faz três dias que sofro disso. Mas não tenho tempo de ir a um médico.

Foi ao espelho e olhou-se fixamente. Quando voltei no dia seguinte percebi que uma virtude a mais o enobrecia. Perguntei-lhe: Que mais o embeleza agora? E ele respondeu: “um matiz”. E contou-me que pusera uma gravata vermelha para harmonizar o seu olho vermelho. E compreendi então que havia em seu espírito uma terceira coloração vermelha e que essas três vermelhidões juntas fora o que me chamara a atenção ao saudá-lo. Porque o espírito de cristais do senhor de Aretal se tingia das coisas ambientes. E eram isso os seus versos: uma maravilhosa cristaleira tingida das coisas ambientes: esmeraldas, rubis, opalas...

Mas isto era triste às vezes porque às vezes as coisas ambientes eram obscuras ou de cores manchadas: verdes de esterco, verdes palidezes de plantas enfermas. Cheguei a deplorar o encontrá-lo acompanhado, e quando isto sucedia, afastava-me sob qualquer pretexto do senhor de Aretal, se sua companhia não era uma pessoa de cores claras.

Pois indefectivelmente o senhor de Aretal refletia o espírito do seu acompanhante. Um dia o encontrei, a ele!, o nobre corcel!, anão e nebuloso. E como num espelho vi na estância a uma pessoa anã e nebulosa. De fato, lá estava; apresentou-me. Era uma mulher por volta dos quarenta anos, rasa, gorda e baixa. Seu espírito também era uma coisa baixa. Algo rastejante e humilde; mas inofensivo e desejoso de agradar. Aquela pessoa era o espírito da adulação. E Aretal também sentia naqueles momentos uma pequena alma servil e obsequiosa. Que côncavo espelho operara aquela horrorosa transmutação?, perguntei-me, aterrorizado. E de repente todo o ar transparente da estância pareceu-me um transparente vidro côncavo que deformava os objetos. Que cadeiras mais acachapadas...! Tudo convidava a sentar-se sobre ele. Aretal era mais um cavalo de aluguel.

Outra ocasião, e à mesa de um grupo de valentões que ria e bebia, Aretal revelou mais um tipo humano, mais um da sua multidão própria. Aproximei-me dele e o vi catalogado e a preço fixo. Fazia piadas e as brandia como armas de defesa. Era um cavalo de circo. Todos naquele grupo se exibiam. Foi outra vez um rufião. Enredou-se em palavras ofensivas com um homem brutal. Parecia uma vendedora de verduras. Provocara-me asco; mas tanto o amava que deu-me tristeza. Era um cavalo que dava coices.

E então, por fim, surgiu no plano físico uma pergunta que havia tempo formulava: Qual o verdadeiro espírito do senhor de Aretal? E a respondi de imediato. O senhor de Aretal, que tinha uma elevada mentalidade, não tinha espírito: era amoral. Era amoral como um cavalo e se desejava



montar por qualquer espírito. Às vezes seus ginetes tinham medo ou eram mesquinhos e então o senhor de Aretal os lançava para longe de si num robusto bote. Aquele vazio moral de seu ser se preenchia, como todos os vazios, com facilidade. Tendia a preencher-se.

Propus o problema à elevadíssima mente de meu amigo e esta o aceitou no ato. Fez-me uma confissão: — Sim, de certo. Eu, a você que me ama, mostro-lhe a melhor parte de mim mesmo. Mostro-lhe ao meu deus interior. Mas, é doloroso dizê-lo, entre dois serem humanos que me rodeiem tendo a colorir-me com a cor do mais baixo. Fuja de mim quando estiver em má companhia.

Sobre a base desta percepção, mais me interessei por seu espírito. Confessou-me um dia, dolorido, que nenhuma mulher podia amá-lo, porque ele mesmo não era um homem, e a união teria sido monstruosa. O senhor de Aretal não conhecia o pudor, e era indelicado em suas relações com as damas como um animal. E ele:

— Porém as cumulo de dinheiro.

— Também o faria pelo arrendamento de uma fazenda valiosa.

E ele:

— Porém as acaricio com paixão.

— Também a elas lhes lambem as mãos seus cachorrinhos peludos.

E ele:

— Porém lhes sou fiel e generoso, sou para com elas humilde e abnegado.

— Bem: o homem é mais do que isso. Mas você as ama?

— Sim, amo.

— Mas as ama como um homem? Não, amigo, não. Você rompe nesses delicados e divinos seres mil tênues linhas que constroem toda uma vida. Esta última rameira que lhe negou o seu amor e desdenhou do seu dinheiro defendeu sua última parte inviolada: seu senhor interno: o que não se vende. Você, obsequioso e humilde até a baixeza com as damas; você, orgulhoso de levar sobre os ombros uma bela mulher, com o orgulho da favorita égua hacaneaia,<sup>12</sup> que se satisfaz em sua preciosa carga; quando esta mulher bela o amar se redimirá: conquistará o pudor.

E outra hora propícia a confidências:

— Eu nunca tive um amigo.

E sangrava todo ao dizer isto. Expliquei-lhe que nenhum homem lhe poderia dar sua

---

<sup>12</sup> No original, *hacanea*. O autor elabora o neologismo a partir da referência à raça Hackney, antiga raça inglesa aparecida pelos idos do século XIV, reconhecida pela força, elegância e destreza no trote. A construção do vocábulo segundo Arévalo teria lhe custado semanas de trabalho.

amizade, porque ele não era um homem, e a amizade teria sido monstruosa. O senhor de Aretal não conhecia a amizade e era indelicado em suas relações com os homens, como um animal. Conhecia somente a camaradagem. Galopava alegre e generoso nas planícies, com seus companheiros; gostava de ir com eles em manadas; galopava, primitivo e matinal, sentindo arder o sangue generoso que o incitava à ação, embriagando-se de ar e de verde e de sol; mas logo se separava indiferente do companheiro de uma hora como do companheiro de um ano. O cavalo, seu irmão, morto ao seu lado, decompunha-se sob o domo do céu, sem fazer assomar uma lágrima aos seus olhos... E o senhor de Aretal, quando terminei de expressar meu último conceito, radiante:

— Esta é a glória da natureza. A matéria imoral não morre. Por que um cavalo choraria a queda de uma rosa? Por que uma rosa choraria a queda de uma ave? Por que lamentar a um amigo quando da queda de um prado? Sinto a radiante luz do sol que nos possui a todos, que nos redime a todos. Chorar é pecar contra o sol. Os homens, covardes, miseráveis e baixos, pecam contra a natureza, que é deus.

— Sim, de certo; mas o homem é uma parte da natureza; é a natureza evoluída. Respeito a evolução! Há força e há matéria: respeito as duas! Tudo não é mais que um.

— Eu estou mais além da moral.

— Você está é mais para cá da moral: você está abaixo da moral. Mas o cavalo e o anjo se tocam, e por isso você às vezes me parece divino. São Francisco de Assis amava a todos os seres e a todas as coisas, como você; mas além disso as amava de um modo diferente; mas as amava depois do círculo, não antes do círculo, como você.

E ele então:

— Sou generoso com meus amigos, eu os cubro de ouro.

— Também o faria pelo arrendamento de uma fazenda valiosa, ou um poço de petróleo, ou uma mina de exploração.

E ele:

— Mas lhes dedico mil pequenos cuidados. Tenho sido o enfermeiro do amigo enfermo e o bom companheiro de farra do amigo são.

E eu:

— O homem é mais que isso: o homem é a solidariedade. Você ama aos seus amigos, mas ama com amor humano? Não; você ofende em nós mil coisas impalpáveis. Eu, que sou o primeiro homem que já o amei, tenho semeado os germens de sua redenção. Esse amigo egoísta que se afastou, ao se separar de você, de um bem-feitor, não se sentiu unido a você por nenhum laço

humano. Você não tem solidariedade para com os homens...

— ...

— Você não tem pudor com as mulheres, nem solidariedade com os homens, nem respeito à Lei. Você mente, e encontra na sua elevada mentalidade escusas para sua mentira, ainda que por natureza seja verdadeiro como um cavalo. Você adula e engana, e encontra em sua elevada mentalidade escusas para a sua adulação e o seu embuste, ainda que por natureza seja nobre como um cavalo. Nunca amei tanto aos cavalos como os amo em você. Compreendo a nobreza do cavalo: é quase humano. Você tem levado sempre sobre o lombo uma carga humana: uma mulher, um amigo... Que teria sido dessa mulher e desse amigo nos passos difíceis sem você, o nobre, o forte, que os levou sobre si, com uma generosidade que será sua redenção! Aquele que leva a carga mais curto faz o caminho. Mas você os tem levado como um cavalo. Fiel à sua natureza, começa a levá-los como um homem.

• • •

Separei-me do senhor dos topázios, e em poucos dias ocorreu o último ato de nossas relações. Sentiu de repente o senhor de Aretal que minha mão era tão pouco firme que chegava ao mesquinho e covarde, e sua nobreza abruptamente revoltou-se. De um golpe rápido lançou-me para longe de si. Senti seus cascos à minha frente. Logo um veloz galope rítmico e marcial, aventando as areias do Deserto. Voltei os olhos até onde estava a Esfinge em seu eterno repouso de mistério, e não a vi. A Esfinge era o senhor de Aretal, que me tinha revelado seu segredo, que era o mesmo do Centauro.

Era o senhor de Aretal que se distanciava em seu veloz galope, com rosto humano e corpo de besta.

# EL HOMBRE QUE PARECÍA UN CABALLO

Rafael Arévalo Martínez

En el momento en que nos presentaron, estaba en un extremo de la habitación, con la cabeza ladeada, como acostumbran a estar los caballos, y con aire de no fijarse en lo que pasaba a su alrededor. Tenía los miembros duros, largos y enjutos, extrañamente recogidos, tal como los de uno de los protagonistas en una ilustración inglesa del libro de Gulliver. Pero mi impresión de que aquel hombre se asemejaba por misterioso modo a un caballo, no fue obtenida entonces sino de una manera subconsciente, que acaso nunca surgiese a la vida plena del conocimiento, si mi anormal contacto con el héroe de esta historia no se hubiese prolongado.

En esa misma prístina escena de nuestra presentación, empezó el señor de Aretal a desprenderse, para obsequiarnos, de los translúcidos collares de ópalos, de amatistas, de esmeraldas y de carbunclos que constituían su íntimo tesoro. En un principio de deslumbramiento, yo me tendí todo, yo me extendí todo, como una gran sábana blanca, para hacer mayor mi superficie de contacto con el generoso donante. Las antenas de mi alma se dilataban, lo palpaban, y volvían trémulas y conmovidas y regocijadas a darme la buena nueva: — “Éste es el hombre que esperabas; éste es el hombre por el que te asomabas a todas las almas desconocidas, porque ya tu intuición te había afirmado que en un día serías enriquecido por el advenimiento de un ser único. La avidez con que tomaste, percibiste y arrojaste tantas almas que se hicieron desear y defraudaron tu esperanza, hoy será ampliamente satisfecha: inclínate y bebe de esta agua”.

Y cuando se levantó para marcharse, lo seguí, aherrado y preso como el cordero que la zagala ató con lazos de rosas. Ya en el cuarto de habitación de mi nuevo amigo, éste, apenas traspuestos los umbrales que le daban paso a un medio propicio y habitual, se encendió todo él. Se volvió deslumbrador y escénico como el caballo de un emperador en una parada militar. Los faldones

de su levita tenían vaga semejanza con la túnica interior de un corcel de la edad media, enjaezado para un torneo. Le caían bajo las nalgas enjutas, acariciando los remos finos y elegantes. Y empezó su actuación teatral.

Después de un ritual de preparación cuidadosamente observado, caballero iniciado de un antiquísimo culto, y cuando ya nuestras almas se habían vuelto cóncavas, sacó el cartapacio de sus versos con la misma medida undosa con que se acerca el sacerdote al ara. Estaba tan grave que imponía respeto. Una risa hubiera sido acuchillada en el instante de nacer.

Sacó su primer collar de topacios, o mejor dicho, su primera serie de collares de topacios, traslúcidos y brillantes. Sus manos se alzaron con tanta cadencia que el ritmo se extendió a tres mundos. Por el poder del ritmo, nuestra estancia se conmovió toda en el segundo piso, como un globo prisionero, hasta desasirse de sus lazos terrenos y llevarnos en un silencioso viaje aéreo. Pero a mí no me conmovieron sus versos, porque eran versos inorgánicos. Eran el alma traslúcida y radiante de los minerales; eran el alma simétrica y dura de los minerales.

Y entonces el oficiante de las cosas minerales sacó su segundo collar. ¡Oh esmeraldas, divinas esmeraldas! Y sacó el tercero. ¡Oh, diamantes, claros diamantes! Y sacó el cuarto y el quinto, que fueron de nuevo topacios, con gotas de luz, con acumulamientos de sol, con partes opacamente radiosas. Y luego el séptimo: sus carbunclos. Sus carbunclos casi eran tibios; casi me conmovieron como granos de granada o como sangre de héroes; pero los toqué y los sentí duros. De todas maneras, el alma de los minerales me invadía; aquella aristocracia inorgánica me seducía raramente, sin comprenderla por completo. Tan fié esto así que no pude traducir las palabras de mi Señor interno, que estaba confuso y hacía un vano esfuerzo por volverse duro y simétrico y limitado y brillante, y permanecí mudo. Y entonces, en imprevista explosión de dignidad ofendida, creyéndose engañado, el Oficiante me quitó su collar de carbunclos, con movimiento tan lleno de violencia, pero tan justo, que me quedé más perplejo que dolorido. Si hubiera sido el Oficiante de las Rosas, no hubiera procedido así.

Y entonces, como a la rotura de un conjuro, por aquel acto de violencia, se deshizo el encanto del ritmo; y la blanca navecilla en que voláramos por el azul del cielo, se encontró sólidamente aferrada al primer piso de una casa.

Después, nuestro común presentante, el señor de Aretal y yo, almorzamos en los bajos del hotel.

Y yo, en aquellos instantes, me asomé al pozo del alma del Señor de los topacios. Vi reflejadas muchas cosas. Al asomarme, instintivamente, había formado mi cola de pavo real; pero la había

formado sin ninguna sensualidad interior, simplemente solicitado por tanta belleza percibida y deseando mostrar mi mejor aspecto, para ponerme a tono con ella.

¡Oh las cosas que vi en aquel pozo! Ese pozo fue para mí el pozo mismo del misterio. Asomarse a un alma humana, tan abierta como un pozo, que es un ojo de la tierra, es lo mismo que asomarse a Dios. Nunca podemos ver el fondo. Pero nos saturamos de la humedad del agua, el gran vehículo del amor; y nos deslumbramos de luz reflejada.

Este pozo reflejaba el múltiple aspecto exterior en la personal manera del señor de Aretal. Algunas figuras estaban más vivas en la superficie del agua: se reflejaban los clásicos, ese tesoro de ternura y de sabiduría de los clásicos; pero sobre todo se reflejaba la imagen de un amigo ausente, con tal pureza de líneas y tan exacto colorido, que no fié uno de los menos interesantes atractivos que tuvo para mí el alma del señor de Aretal, este paralelo darne el conocimiento del alma del señor de la Rosa, el ausente amigo tan admirado y tan amado. Por encima de todo se reflejaba Dios. Dios de quien nunca estuve menos lejos. La gran alma que a veces se enfoca temporalmente. Yo comprendí, asomándose al pozo del señor de Aretal, que éste era un mensajero divino. Traía un mensaje a la humanidad: el mensaje humano, que es el más valioso de todos. Pero era un mensajero inconsciente. Prodigaba el bien y no lo tenía consigo.

Pronto interesé sobremanera a mi noble huésped. Me asomaba con tanta avidez al agua clara de su espíritu, que pudo tener una imagen exacta de mí. Me había aproximado lo suficiente, y además, yo también era una cosa clara que no interceptaba la luz. Acaso lo ofusqué tanto como él a mí. Es una cualidad de las cosas alucinadas el ser a su vez alucinadoras. Esta mutua atracción nos llevó al acercamiento y estrechez de relaciones. Frecuenté el divino templo de aquella alma hermosa. Y a su contacto empecé a encenderme. El señor de Aretal era una lámpara encendida y yo era una cosa combustible. Nuestras almas se comunicaban. Yo tenía las manos extendidas y el alma de cada uno de mis diez dedos era una antena por la que recibía el conocimiento del alma del señor de Aretal. Así supe de muchas cosas antes no conocidas. Por raíces aéreas, ¿qué otra cosa son los dedos?, u hojas aterciopeladas, ¿qué otra cosa que raíces aéreas son las hojas?, yo recibía de aquel hombre algo que me había faltado antes. Había sido un arbusto desmedrado que prolonga sus filamentos hasta encontrar el humus necesario en una tierra nueva. ¡Y cómo me nutría! Me nutría con la beatitud con que las hojas trémulas de clorofila se extienden al sol; con la beatitud con que una raíz encuentra un cadáver en descomposición; con la beatitud con que los convalecientes dan sus pasos vacilantes en las mañanas de primavera, bañadas de luz; con la beatitud con que el niño se pega al seno nutricio y después, ya lleno, sonrío en sueños a la visión de una ubre nívea. ¡Bah!

Todas las cosas que se completan tienen beatitud así. Dios, un día, no será otra cosa que un alimento para nosotros: algo necesario para nuestra vida. Así sonríen los niños y los jóvenes, cuando se sienten beneficiados por la nutrición.

Además me encendí. La nutrición es una combustión. Quién sabe qué niño divino regó en mi espíritu un reguero de pólvora, de nafta, de algo fácilmente inflamable, y el señor de Aretal, que había sabido aproximarse hasta mí, le había dado fuego. Yo tuve el placer de arder; es decir, de llenar mi destino. Comprendí que era una cosa esencialmente inflamable. ¡Oh padre fuego, bendito seáis! Mi destino es arder. El fuego es también un mensaje. ¿Qué otras almas arderían por mí? ¿A quién comunicaría mi llama? ¡Bah! ¿Quién puede predecir el porvenir de una chispa?

Yo ardí y el señor de Aretal me vio arder. En una maravillosa armonía, nuestros dos átomos de hidrógeno y de oxígeno habían llegado tan cerca, que prolongándose, emanando porciones de sí, casi llegaron a juntarse en alguna cosa viva. A veces revolaban como dos mariposas que se buscan y tejen maravillosos lazos sobre el río y en el aire. Otras se elevaban por la virtud de su propio ritmo y de su armoniosa consonancia, como se elevan las dos alas de un dístico. Una estaba fecundando a la otra. Hasta que...

¿Habéis oído de esos carámbanos de hielo que, arrastrados a aguas tibias por una corriente submarina, se desintegran en su base, hasta que perdido un maravilloso equilibrio, giran sobre sí mismos en una apocalíptica vuelta, rápidos, inesperados, presentando a la fe del sol lo que antes estaba oculto entre las aguas? Así, invertidos, parecen inconscientes de los navíos que, al hundirse su parte superior, hicieron descender al abismo. Inconscientes de la pérdida de los nidos que ya se habían formado en su parte vuelta hasta entonces a la luz, en la relativa estabilidad de esas dos cosas frágiles: los huevos y los hielos.

Así de pronto, en el ángel transparente del señor de Aretal, empezó a formarse una casi inconsciente nubecilla oscura. Era la sombra proyectada por el caballo que se acercaba.

¿Quién podría expresar mi dolor cuando en el ángel del señor de Aretal apareció aquella cosa oscura, vaga e inconsistente? Había mi noble amigo bajado a la cantina del hotel en que habitaba. ¿Quién pasaba? ¡Bah! Un oscuro ser, poseedor de unas horribles narices aplastadas y de unos labios delgados. ¿Comprendéis? Si la línea de su nariz hubiese sido recta, también en su alma se hubiese enderezado algo. Si sus labios hubiesen sido gruesos, también su sinceridad se hubiese acrecentado. Pero no. El señor de Aretal le había hecho un llamamiento. Ahí estaba... Y mi alma, que en aquel instante tenía el poder de discernir, comprendió claramente que aquel homecillo, a quien hasta entonces había creído un hombre, porque un día vi arrebolarse sus mejillas de vergüenza, no era sino

un homúnculo. Con aquellas narices no se podía ser sincero.

Invitados por el señor de los topacios, nos sentamos a una mesa. Nos sirvieron coñac y refrescos, a elección. Y aquí se rompió la armonía. La rompió el alcohol. Yo no tomé. Pero tomó él. Pero estuvo el alcohol próximo a mí, sobre la mesa de mármol blanco. Y medió entre nosotros y nos interceptó las almas. Además, el alma del señor de Aretal ya no era azul como la mía. Era roja y chata como la del compañero que nos separaba. Entonces comprendí que lo que yo había amado más en el señor de Aretal era mi propio azul.

Pronto el alma chata del señor de Aretal empezó a hablar de cosas bajas. Todos sus pensamientos tuvieron la nariz torcida. Todos sus pensamientos bebían alcohol y se materializaban groseramente. Nos contó de una legión de negras de Jamaica, lúbricas y semidesnudas, corriendo tras él en la oferta de su odiosa mercancía por cinco centavos. Me hacía daño su palabra y pronto me hizo daño su voluntad. Me pidió insistentemente que bebiera alcohol. Cedí. Pero apenas consumado mi sacrificio sentí claramente que algo se rompía entre nosotros. Que nuestros señores internos se alejaban y que venía abajo, en silencio, un divino equilibrio de cristales. Y se lo dije:

— Señor de Aretal, usted ha roto nuestras divinas relaciones en este mismo instante. Mañana usted verá en mí llegar a su aposento sólo un hombre y yo sólo encontraré un hombre en usted. En este mismo instante usted me ha teñido de rojo.

El día siguiente, en efecto, no sé qué hicimos el señor de Aretal y yo. Creo que marchamos por la calle en vía de cierto negocio. El iba de nuevo encendido. Yo marchaba a su vera apagado ¡y lejos de él! Iba pensando en que jamás el misterio me había abierto tan ancha rasgadura para asomarme, como en mis relaciones con mi extraño acompañante. Jamás había sentido tan bien las posibilidades del hombre; jamás había entendido tanto al dios íntimo como en mis relaciones con el señor de Aretal.

Llegamos a su cuarto. Nos esperaban sus formas de pensamiento. Y yo siempre me sentía lejos del señor de Aretal. Me sentí lejos muchos días, en muchas sucesivas visitas. Iba a él obedeciendo leyes inexorables. Porque era preciso aquel contacto para quemar una parte en mí, hasta entonces tan seca, como que se estaba preparando para arder mejor. Todo el dolor de mi sequedad hasta entonces, ahora se regocijaba de arder; todo el dolor de mi vacío hasta entonces, ahora se regocijaba de plenitud. Salí de la noche de mi alma en una aurora encendida. Bien está. Bien está. Seamos valientes. Cuanto más secos estemos arderemos mejor. Y así iba a aquel hombre y nuestros señores se regocijaban. ¡Ah! Pero el encanto de los primeros días, ¿en dónde estaba?

Cuando me resigné a encontrar un hombre en el señor de Aretal, volvió de nuevo el encanto



de su maravillosa presencia. Amaba a mi amigo. Pero me era imposible desechar la melancolía del dios ido. ¡Traslúcidas, diamantinas alas perdidas! ¿Cómo encontraros los dos y volver a donde estuvimos?

Un día el señor de Aretal encontró propicio el medio. Éramos varios sus oyentes; en el cuarto encantado por sus creaciones habituales, se recitaron versos. Y de pronto, ante unos más hermosos que los demás, como ante una clarinada, se levantó nuestro noble huésped, piafante y elástico. Y allí, y entonces, tuve la primera visión: el señor de Aretal estiraba el cuello como un caballo.

Le llamé la atención:

— Excelso huésped, os suplico que adoptéis esta y esta actitud. Sí, era cierto: estiraba el cuello como un caballo.

Después, la segunda visión; el mismo día. Salimos a andar. Y de pronto percibí, lo percibí: el señor de Aretal caía como un caballo. Le faltaba de pronto el pie izquierdo y entonces sus ancas casi tocaban tierra, como un caballo claudicante. Se erguía luego con rapidez; pero ya me había dejado la sensación. ¿Habéis visto caer a un caballo?

Luego la tercera visión, a los pocos días. Accionaba el señor de Aretal sentado frente a sus monedas de oro, y de pronto lo vi mover los brazos como mueven las manos los caballos de pura sangre sacando las extremidades de sus miembros delanteros hacia los lados, en esa bella serie de movimientos que tantas veces habréis observado cuando un jinete hábil, en un paseo concurrido, reprime el paso de un corcel caracoleante y espléndido.

Después, otra visión: el señor de Aretal veía como un caballo. Cuando lo embriagaba su propia palabra, como embriaga al corcel noble su propia sangre generosa, trémulo como una hoja, trémulo como un corcel montado y reprimido, trémulo como todas esas formas vivas de raigambres nerviosas y finas, inclinaba la cabeza, ladeaba la cabeza, y así veía, mientras sus brazos desataban algo en el aire, como las manos de un caballo. — ¡Qué cosa más hermosa es un caballo! ¡Casi se está sobre dos pies! — Y entonces yo sentía que lo cabalgaba el espíritu.

Y luego cien visiones más. El señor de Aretal se acercaba a las mujeres como un caballo. En las salas suntuosas no se podía estar quieto. Se acercaba a la hermosa señora recién presentada, con movimientos fáciles y elásticos, baja y ladeada la cabeza, y daba una vuelta en torno de ella y daba una vuelta en torno de la sala.

Veía así de lado. Pude observar que sus ojos se mantenían inyectados de sangre. Un día se rompió uno de los vasillos que los coloreaban con trama sutil; se rompió el vasillo y una manchita roja había coloreado su córnea. Se lo hice observar.

— Bah — me dijo —, es cosa vieja. Hace tres días que sufro de ello. Pero no tengo tiempo para ver a un doctor.

Marchó al espejo y se quedó mirando fijamente. Cuando al día siguiente volví, encontré que una virtud más lo ennobecía. Le pregunté: “¿Qué lo embellece en esta hora?” Y él respondió: “Un matiz.” Y me contó que se había puesto una corbata roja para que armonizara con su ojo rojo. Y entonces yo comprendí que en su espíritu había una tercera coloración roja y que estas tres rojeces juntas eran las que me habían llamado la atención al saludarlo. Porque el espíritu de cristales del señor de Aretal se teñía de las cosas ambientes. Y eso eran sus versos: una maravillosa cristalería teñida de las cosas ambientes: esmeraldas, rubíes, ópalos...

Pero esto era triste a veces porque a veces las cosas ambientes eran oscuras o de colores mancillados: verdes de estercolero, palideces verdes de plantas enfermas. Llegué a deplorar el encontrarlo acompañado, y cuando esto sucedía, me separaba con cualquier pretexto del señor de Aretal, si su acompañante no era una persona de colores claros.

Porque indefectiblemente el señor de Aretal reflejaba el espíritu de su acompañante. Un día lo encontré, ¡a él, el noble corcel!, enano y meloso. Y como en un espejo, vi en la estancia a una persona enana y melosa. En efecto, allí estaba; me la presentó. Era una mujer como de cuarenta años, chata, gorda y baja. Su espíritu también era una cosa baja. Algo rastreante y humilde; pero inofensivo y deseoso de agradar. Aquella persona era el espíritu de la adulación. Y Aretal también sentía en aquellos momentos una pequeña alma servil y obsequiosa. ¿Qué espejo cóncavo ha hecho esta horrorosa transmutación?, me pregunté yo, aterrorizado. Y de pronto todo el aire transparente de la estancia me pareció un transparente vidrio cóncavo que deformaba los objetos. ¡Qué chatas eran las sillas...! Todo invitaba a sentarse sobre ello. Aretal era un caballo de alquiler más.

Otra ocasión, y a la mesa de un bullanguero grupo que reía y bebía, Aretal fue un ser humano más, uno más del montón. Me acerqué a él y lo vi catalogado y con precio fijo. Hacía chistes y los blandía como armas defensivas. Era un caballo de circo. Todos en aquel grupo se exhibían. Otra vez fue un jayán. Se enredó en palabras ofensivas con un hombre brutal. Parecía una vendedora de verduras. Me hubiera dado asco; pero lo amaba tanto que me dio tristeza. Era un caballo que daba coces.

Y entonces, al fin, apareció en el plano físico una pregunta que hacía tiempo formulaba: ¿Cuál es el verdadero espíritu del señor de Aretal? Y la respondí pronto. El señor de Aretal, que tenía una elevada mentalidad, no tenía espíritu: era amoral. Era amoral como un caballo y se dejaba montar por cualquier espíritu. A veces sus jinetes tenían miedo o eran mezquinos y entonces el señor de

Aretal los arrojaba lejos de sí, con un soberbio bote. Aquel vacío moral de su ser se llenaba, como todos los vacíos, con facilidad. Tendía a llenarse.

Propuse el problema a la elevadísima mente de mi amigo y ésta lo aceptó en el acto. Me hizo una confesión:

— Sí, es cierto. Yo, a usted que me ama, le muestro la mejor parte de mí mismo. Le muestro a mi dios interno. Pero, es doloroso decirlo, entre dos seres humanos que me rodean, yo tiendo a colorearme del color del más bajo. Huya de mí cuando esté en una mala compañía.

Sobre la base de esta percepción, me interné más en su espíritu. Me confesó un día, dolorido, que ninguna mujer lo había amado. Y sangraba todo él al decir esto. Yo le expliqué que ninguna mujer lo podía amar, porque él no era un hombre, y la unión hubiera sido monstruosa. El señor de Aretal no conocía el pudor, y era indelicado en sus relaciones con las damas; como un animal. Y él:

— Pero yo las colmo de dinero.

— También se lo da una valiosa finca en arrendamiento.

Y él:

— Pero yo las acaricio con pasión.

— También las lamen las manos sus perritos de lanas.

Y él:

— Pero yo las soy fiel y generoso; yo las soy humilde; yo las soy abnegado.

— Bien: el hombre es más que eso. Pero ¿las ama usted?

— Sí, las amo.

— Pero ¿las ama usted como un hombre? No, amigo, no. Usted rompe en esos delicados y divinos seres mil hilos tenues que constituyen toda una vida. Esa última ramera que le ha negado su amor y ha desdeñado su dinero, defendió su única parte inviolada: su señor interno; lo que no se vende. Usted no tiene pudor. Y ahora oiga mi profecía: una mujer lo redimirá. Usted, obsequioso y humilde hasta la bajeza con las damas; usted, orgulloso de llevar sobre sus lomos una mujer bella, con el orgullo de la hacanea favorita, que se complace en su preciosa carga, cuando esta mujer bella lo ame, se redimirá: conquistará el pudor.

Y otra hora propicia a las confidencias:

— Yo no he tenido nunca un amigo — y sangraba todo él al decir esto.

Yo le expliqué que ningún hombre le podría dar su amistad, porque él no era un hombre, y la amistad hubiese sido monstruosa. El señor de Aretal no conocía la amistad y era indelicado en sus relaciones con los hombres como un animal. Conocía sólo el camaraderismo. Galopaba alegre y

generoso en los llanos, con sus compañeros; gustaba de ir en manadas con ellos; galopaba primitivo y matinal, sintiendo arder su sangre generosa que lo incitaba a la acción, embriagándose de aire, y de verde, y de sol; pero luego se separaba indiferente de su compañero de una hora lo mismo que de su compañero de un año. El caballo, su hermano, muerto a su lado, se descomponía bajo el dombo del cielo, sin hacer asomar una lágrima a sus ojos... Y el señor de Aretal, cuando concluí de expresar mi último concepto, radiante:

— Ésta es la gloria de la naturaleza. La materia inmortal no muere. ¿Por qué llorar a un caballo cuando queda una rosa? ¿Por qué llorar a una rosa cuando queda un ave? ¿Por qué lamentar a un amigo cuando queda un prado? Yo siento la radiante luz del sol que nos posee a todos, que nos redime a todos. Llorar es pecar contra el sol. Los hombres, cobardes, miserables y bajos, pecan contra la Naturaleza, que es Dios.

Y yo, reverente, de rodillas ante aquella hermosa alma animal, que me llenaba de la unción de Dios:

— Sí, es cierto; pero el hombre es una parte de la naturaleza; es la naturaleza evolucionada. ¡Respeto a la evolución! Hay fuerza y hay materia: ¡respeto a las dos! Todo no es más que uno.

— Yo estoy más allá de la moral.

— Usted está más acá de la moral: usted está bajo la moral. Pero el caballo y el ángel se tocan, y por eso usted a veces me parece divino. San Francisco de Asís amaba a todos los seres y a todas las cosas, como usted; pero además, las amaba de un modo diferente; pero las amaba después del círculo, no antes del círculo, como usted.

Y él entonces:

— Soy generoso con mis amigos, los cubro de oro.

— También se lo da una valiosa finca en arrendamiento, o un pozo de petróleo, o una mina en explotación.

Y él:

— Pero yo les presto mil pequeños cuidados. Yo he sido enfermero del amigo enfermo y buen compañero de orgía del amigo sano.

Y yo:

— El hombre es más que eso: el hombre es la solidaridad. Usted ama a sus amigos, pero ¿los ama con amor humano? No, usted ofende en nosotros mil cosas impalpables. Yo, que soy el primer hombre que ha amado a usted, he sembrado los gérmenes de su redención. Ese amigo egoísta que se separó, al separarse de usted, de un bienhechor, no se sintió unido a usted por ningún lazo

humano. Usted no tiene solidaridad con los hombres.

— ...

— Usted no tiene pudor con las mujeres, ni solidaridad con los hombres, ni respeto a la fe. Usted miente, y encuentra en su elevada mentalidad, excusa para su mentira, aunque es por naturaleza verídico como un caballo. Usted adula y engaña y encuentra en su elevada mentalidad, excusa para su adulación y su engaño, aunque es por naturaleza noble como un caballo. Nunca he amado tanto a los caballos como al amarlos en usted. Comprendo la nobleza del caballo: es casi humano. Usted ha llevado siempre sobre el lomo una carga humana: una mujer, un amigo... ¡Qué hubiera sido de esa mujer y de ese amigo en los pasos difíciles sin usted, el noble, el fuerte, que los llevó sobre sí, con una generosidad que será su redención! El que lleva una carga, más pronto hace el camino. Pero usted las ha llevado como un caballo. Fiel a su naturaleza, empiece a llevarlas como un hombre.

• • •

Me separé del señor de los topacios, y a los pocos días fue el hecho final de nuestras relaciones. Sintió de pronto el señor de Aretal que mi mano era poco firme, que llegaba a él mezquino y cobarde, y su nobleza de bruto se sublevó. De un bote rápido me lanzó lejos de sí. Sentí sus cascos en mi frente. Luego un veloz galope rítmico y marcial, aventando las arenas del desierto. Volví los ojos hacia donde estaba la Esfinge en su eterno reposo de misterio, y ya no la vi. ¡La Esfinge era el señor de Aretal que me había revelado su secreto, que era el mismo del Centauro!

Era el señor de Aretal que se alejaba en su veloz galope, con rostro humano y cuerpo de bestia.